

Editorial

É com imensa satisfação e expectativa que apresentamos a terceira edição da Revista do Coletivo Seconba. Os seus três anos de existência, somados aos 15 anos de realização da Semana da Consciência Negra de Barreiras nos autorizam a afirmar que ultrapassamos a fase de sonho para uma fase de consolidação, muito embora a utopia continue a mesma. Nesse sentido, nossa proposta e perspectiva continuam sendo alimentar e aprofundar reflexões da temática das relações etnicorraciais na sua dinamicidade e pluralidade no contexto da interdisciplinaridade, contemplando as suas diversas nuances. Neste âmbito, continuamos disponibilizando espaço para a diversidade de abordagens, sobretudo tendo o Oeste da Bahia como pano de fundo.

A Revista do Coletivo Seconba, na sua terceira edição, não poderia deixar de celebrar os 15 anos de realização da Semana da Consciência Negra de Barreiras, principalmente por ser em seu bojo que a revista foi pensada e gestada. Assim, é imperioso afirmar que simbiótica e reciprocamente ambas se alimentam, e na grata luta diária para as suas construções, ao mesmo tempo em que contribuímos para o debate em torno dos temas que lhes são próprios, também temos aprendido bastante, não só no que diz respeito ao saber e ao saber fazer, mas, sobretudo, no tocante ao saber ser. E isso, conjugado às nossas visões de mundo individuais e coletiva, alimenta a busca de tornar o espaço da revista e da Semana diversificado e abrangente, numa perspectiva de relacionar os micro e os macrocontextos, o sábio fazer ancestral do povo com o saber técnico científico da Academia.

O Oeste da Bahia, sobretudo Barreiras, onde estamos localizados, tem uma história de intensa luta e contribuição dos povos negros, quer sejam da terra ou não, contribuição essa quase sempre subalternizada e negada. O importante é que tal subalternização e negação não foram capazes de aniquilar a saga dos ancestrais, pois vicejam na cidade cultos e expressões culturais de origens indígenas e africanas, contribuições estas que também a Semana e a Revista buscam valorizar.

O novo número em pauta é resultado da cooperação de professoras, professores, estudantes universitários, pesquisadoras e pesquisadores quase em sua totalidade com trajetórias de envolvimento com a Semana da Consciência Negra de Barreiras e as edições dos cursos de extensão ofertados por este coletivo. Assim, as narrativas expressam o resultado de pesquisas e experiências retratando as trajetórias de inquietações, dúvidas, percalços e

conquistas individuais e coletivas relacionados, sobretudo, à negritude e também a questões relacionadas ao que fazer do Oeste baiano.

Compõe esta edição um relato de experiências de inquietações e dúvidas de mulher preta, mãe de uma criança preta, candomblecista, professora e militante dentro e fora da Academia. Na sequência um artigo cujo foco da pesquisa foi a beleza negra feminina e a importância da escola no combate ou na manutenção de preconceito e discriminação raciais. Aborda a relevância do papel das professoras e professores diante de conflitos envolvendo questões ligadas a grupos étnicos.

O terceiro texto é resultado de uma pesquisa quali-quantitativa sobre a inclusão e permanência dos cotistas negros e indígenas no Departamento de Ciências Humanas - Campus IX da Universidade do Estado da Bahia – Barreiras (BA), discutindo a concorrência ingresso, evasão e conclusão dos alunos cotistas afrodescendentes e indígenas no Campus IX em comparação com a concorrência ampla.

O quarto trabalho é um relato de experiência resultante de um projeto de intervenção (Mostra Cultural da Consciência Negra: Somos Filhas e Filhos do Mesmo Chão) realizado com discentes de 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental de uma Escola Municipal de Luís Eduardo Magalhães – BA, voltado para a formação étnica e o empoderamento das crianças negras.

Fechando esta edição, o quinto artigo apresenta alguns acervos e cotejos de certas tipologias de fontes que podem contribuir para o estudo da história da luta pela terra na Bahia, e, de modo geral, da história agrária do estado, sinalizando que há uma forte carência de produção historiográfica sobre a luta pela terra na Bahia.

Almejamos a todos e todas proveitosas e interativas leituras.

Edson Carvalho de Santana

Professor aposentado da UNEB